

43522

A CROSS-OVER STUDY COMPARING FIXED PRESSURE, FLEX- PLUS AND SENSAWAKE FOR OSA TREATMENT, PRELIMINARY DATA

Evelyn L Brasil, Pedro Genta, David Rapoport, Luciana Palombini, Caroline Caruso, Leonardo Jun Otuyama, Sergio Tufik, Dalva Poyares

Instituto do Sono/AFIP

E-mail address: junotuyama@gmail.com (L.J. Otuyama)

Resumo

We sought to evaluate polysomnographic (PSG) variables in a crossover single blind study design with moderate to severe OSA patients treated with fixed CPAP pressure, Flex-Plus[®] and Sensawake[®] technologies.

Methods

Six patients were consecutively diagnosed with OSA AHI > 15 and referred to PSG CPAP titration. After titrated, patients were prescribed with CPAP and were randomized to 3 CPAP modalities: fixed pressure (G1), Flex-plus[®] (G2) and sensawake[®] (G3) technologies for 30 consecutive days in each modality. After completion of each treatment modality (day 30, 60, 90) patients underwent full PSG with their CPAP modality assigned. A week of washout period was applied between treatments. All patients wore the same nasal mask brand.

Statistics

Repeated measure ANOVA followed by Bonferroni post-hoc test when appropriate ($p < 0.05$). Fisher and Chi-Square tests were applied for frequency variables.

Results

Patients baseline mean AHI was (47.18/hour \pm 33.17). Their mean age and BMI were (45.8 years \pm 5.9, 31.2 kg/cm² \pm 4.6, respectively). Mean CPAP pressure was 9.6 cmH₂O \pm 1.8. RERA was significantly higher in Flex-Plus compared with Sensawake (G1=16.6 events/night \pm 12.9; G2=25.8 events/night \pm 14.4; G3=9.1 events/night \pm 13.7; $P=0.03$). Arousal Index was also higher in fixed pressure compared with Sensawake (G1=14.8/hour \pm 5.9; G2=9.5/hour \pm 2.2; G3=7.6/hour \pm 3.0, $P=0.01$). Total Sleep Time, Wake After Sleep Onset, Sleep Latency, % of REM and N3 sleep stages, Sleep Efficiency, AHI, RDI, SAO₂ min and snoring did not differ among groups.

Conclusions

We found lower arousals and RERAs in Sensawake modality compared with fixed pressure and with Flex-plus, respectively. Other variables did not reach statistical significance in this preliminary analysis.

<http://dx.doi.org/10.1016/j.slsci.2016.02.005>

43352

A EXPERIÊNCIA DE UM COCHILÓDROMO NO CENTRO DA CIDADE DE SÃO PAULO

Camila Jankavski, Geraldo Lorenzi Filho, Rogerio Santos-Silva

NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DA CIÊNCIA DO SONO

E-mail address: rogerio.silva@nics.org.br (R. Santos-Silva)

Resumo*Introdução*

Aberto em janeiro de 2014, no centro da maior metrópole do Brasil, o “Cochilo” é um empresa preparada para receber todos os indivíduos interessados em ter uma soneca durante o dia. O “Cochilódromo”, como também é conhecido, possui 20 cabines com isolamento acústico, luz azul, fones de ouvido tocando trilhas sonoras tranquilas, além de uma cama com formato especial. As cabines são automatizadas e, quando o tempo programado do cochilo termina, a cama vibra e uma luz branca pisca para que o “cochilante” acorde. Fica aberto das 7 às 19 horas, de 2^a a 6^a feira, e permite que o “cochilante” escolha o tempo de cochilo, que varia de 15 a 90 minutos. Os valores cobrados dependem da duração do cochilo, variando entre R\$10,00 e R\$30,00. O objetivo desse estudo foi avaliar as características de todos os cochilos tirados no período entre janeiro e dezembro de 2014.

Métodos

Foi avaliado o banco de dados da empresa, que incluiu as informações básicas do número e duração dos cochilos, bem como do gênero dos indivíduos que procuraram o cochilódromo, em 2014.

Resultados

Foi observado o total de 4625 cochilos. Setenta e três por cento dos indivíduos que procuraram o cochilódromo foram do gênero masculino e 33% cochilaram mais de uma vez por semana na empresa. A maioria dos cochilos (57%) teve duração de 30 minutos. Observou-se aumento progressivo do número de cochilos no decorrer dos meses de 2014 (110 em janeiro para 505 em dezembro).

Conclusão

Os dados mostraram que a população que procurou o “Cochilódromo”, no centro da cidade de São Paulo, foi predominantemente do gênero masculino e que cerca de 1/3 dos indivíduos cochilaram mais de uma vez por semana. Além disso, o número de cochilos aumentou cerca de 500%, no decorrer do ano de 2014. Estes dados sugerem que a população de uma grande metrópole como São Paulo está, cada vez mais, procurando a possibilidade de tirar um cochilo durante o dia, o que poderia representar a privação do sono presente na nossa sociedade contemporânea.

Suporte financeiro

Núcleo Interdisciplinar da Ciência do Sono (NICS).

<http://dx.doi.org/10.1016/j.slsci.2016.02.006>